

2015

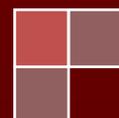
# InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo  
Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VIII Nº 76 – Maio de 2015

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ  
Campus Santo Antônio  
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro  
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904  
Tel.: +55 32 3379-2300  
[www.ufsj.edu.br](http://www.ufsj.edu.br)  
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO  
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: [infover@ufsj.edu.br](mailto:infover@ufsj.edu.br)  
Coord.: Prof. Norberto Martins Vieira  
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo  
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures  
Acadêmicos UFSJ: Gabrielle Alves Pansanato  
Mariana Carolina da Silva  
Pedro Henrique Souza Nadú

São João del-Rei, maio de 2015



## Termos de troca milho, soja e leite

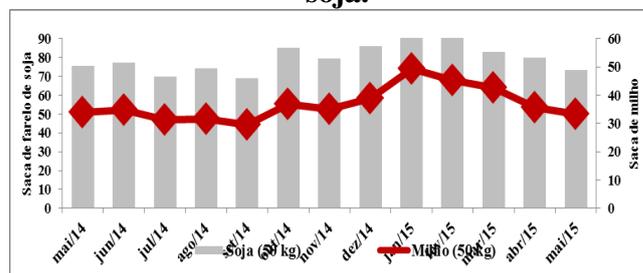
Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas), em maio de 2015, comparados a abril de 2015, segundo mostra a Tabela 1, apresentaram variações.

Os produtos que obtiveram queda no preço são: farelo de trigo, com 13,03%, farelo de algodão, com 9,20%, a polpa cítrica, com 8,20%, o farelo de soja, com 5,77%, o milho com 4,08%, a ração de bezerro com 2,29% e a ração para vaca com 0,81%. O único produto que manteve seu preço estável foi o sal mineral.

Conforme se pode observar na Tabela 2 e Figura 1, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite, em São João del-Rei, verifica-se decréscimo de 8,36%, em maio. Isto ocorreu porque o produtor precisou de 73,39 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que, no mês anterior, esta exigência era de 80,09 litros de leite.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite em São João del-Rei, também registra queda de 6,72%. Isso porque, em maio o produtor precisou trocar 33,28 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que, em abril, esta relação era igual a 35,68 litros de leite.

**Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja.**



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

**Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei**

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2015	%*	2015	%*
Jan	99,75L	16,09	49,42L	27,58
Fev	90,57L	-9,20	45,18L	-8,58
Mar	82,82L	-8,55	42,52L	-5,87
Abr	80,09L	-3,30	35,68L	-16,10
Mai	73,39L	-8,36	33,28L	-6,72
Jun				
Jul				
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				

Fonte: DCECO/NEPE – (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: \*Variação em relação ao mês anterior. \*\* Litro

**Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em São João del-Rei, maio de 2015**

Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	42,75	-0,81	Ração bezerro	40	44,85	-2,29
Sal mineral	30	58,30	0,00	Farelo soja	50	59,65	-5,77
Farelo de trigo	40	24,95	-13,03	Farelo algodão	50	41,95	-9,20
Polpa cítrica	50	31,70	-8,20	Milho	50	27,05	-4,08

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

## Manejo e adubação de canavial para alta produtividade

João Marcos de Souza Lima  
*Estudante de Agronomia*  
Pedro Goulart de Carvalho Brito  
*Estudante de Zootecnia*

Há alguns anos o PDPL/PCEPL têm o prazer de trabalhar junto com Professor Mauro Wagner, da Universidade Federal de Alagoas, cuja parceria vem gerando, além de grande aprendizagem, o aumento da produtividade e longevidade dos canaviais de produtores assistidos pelo PDPL/PCEPL.

O grande diferencial que buscamos é a implantação adequada do canavial, adubação e manejo, visando aumentar o rendimento da lavoura, diminuir os custos de produção e elevar a produtividade da terra e da mão de obra. Diversas medidas devem ser adotadas para atingirmos esse objetivo, sendo uma delas a análise do solo com posterior correção da acidez. Esta medida deve ser cuidadosamente empregada a fim de maximizar a eficiência das adubações, especialmente a adubação fosfatada, conforme discutidos em edições anteriores deste Informativo. No momento do plantio, a recomendação de adubação tem uma atenção especial quanto a necessidade de fósforo a ser aplicado. O fósforo está relacionado com a energia das plantas, sendo muito importante no início de seu desenvolvimento, por isso é

fundamental que além de fornecê-lo, as plantas consigam absorvê-lo.

A presença de alumínio no solo prejudica a absorção de fósforo. Para minimizar esse efeito, fazemos a aplicação de calcário e gesso agrícola. A quantidade de calcário e gesso agrícola necessárias são calculadas pelo Método de Saturação por Bases. Porém as quantidades preditas analiticamente por esse método tem se mostrado insuficientes para neutralizar o alumínio trocável e elevar a saturação de bases para 60%. Com base em diversos estudos conduzidos pelo Professor Mauro Wagner, e também por outros pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, estamos recomendando elevar para uma vez e meia a duas vezes a quantidade de calcário predita analiticamente pelo método de saturação por bases. O gesso está sendo recomendado na dosagem de um terço da quantidade de calcário. Ainda com bases nos estudos do Professor Mauro Wagner, estamos recomendando a adubação de plantio com base na expectativa de produtividade: para produções acima de 150 t/ha de forragem no ciclo de cana-plantar, a adubação fosfatada deverá ser de 180 a 200 kg de P205 por hectare. Caso tenhamos aplicado gesso, deveremos usar o superfosfato triplo para diminuir o custo da adubação. A adubação potássica poderá variar de 150 a 200 kg de K20, em função da fertilidade do solo.



Outra possibilidade de adubação é o uso de esterco de curral ou de cama de aviário. A Cana-de-açúcar é uma planta que responde a adubação orgânica, aumentando significativamente a produtividade. Essa característica ajuda na atividade leiteira, pois oferece um destino para o resíduo (esterco) gerado pela atividade. Alguns produtores acreditam que a aplicação de esterco no canavial diminui a longevidade do canavial, mas estudos e acompanhamentos de canaviais na região mostram que isso não é verdade. A aplicação de 10 ton/ha/ano proporciona produtividades elevadas, garantindo a viabilidade econômica da aplicação do adubo orgânico. A cultura da cana-de-açúcar tem grande potencial produtivo de matéria natural por hectare. Como toda a cana é retirada na área para o fornecimento dos animais, os nutrientes que antes estavam no solo, que as plantas absorveram, também vão junto para o cocho. Contudo, é fundamental adotar ações em relação a adubação de cobertura com intuito de repor esses nutrientes no solo. Para cada tonelada de cana produzida são extraídos do solo 1,2 kg de Nitrogênio, 0,4 kg de Fosforo e 1,5kg de Potássio. Com objetivo de manter a produtividade do canavial é recomendado utilizar doses maiores de adubo em relação as doses anteriormente recomendadas. Um aspecto importante é que sempre o investimento com o aumento do adubo é pago pela alta produtividade do

canavial, diluindo os custos e tornando a propriedade mais eficiente no uso da terra.

No manejo esta sendo reforçado a importância de se fazer o corte da cana-de-açúcar rente ao solo, possibilitando uma rebrota mais vigorosa do canavial. A presença de plantas daninhas deve ser monitorada, e, sempre que se perceber que haverá competição, o controle deverá ser realizado. Para o controle utilizamos herbicidas seletivos e assim possibilitamos o aumento da taxa de rebrota do canavial.

Como exemplo de um caso de sucesso, o produtor Antônio Carlos Reis vem adotando esse manejo diferenciado em seus canaviais (Foto 1) e esta satisfeito com resultado.

Edição 306 . Ano XXII . Novembro de 2014 .  
Viçosa - MG



## Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com a Tabela 3, que traz o resultado do levantamento feito pelo Departamento de Ciências Econômicas a respeito dos preços médios dos derivados do leite de São João del-Rei, observam-se que houve uma variação referente ao mês de maio de 2015, quando comparado a abril de 2015. Sendo que os derivativos que obtiveram variação negativa em seus preços foram: a mussarela e queijo prato com 2,60% e 0,73% respectivamente. O minas frescal obteve variação positiva de 0,62%. Enquanto o leite longa vida foi o único derivativo que não obteve variação.

**Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei**

Mês/Ano	R\$	Var %*
<b>Mai/2014</b>	2,06	0,00
<b>Jun/2014</b>	2,07	0,49
<b>Jul/2014</b>	2,07	0,00
<b>Ago/2014</b>	2,07	0,00
<b>Set/2014</b>	2,07	0,00
<b>Out/2014</b>	2,07	0,00
<b>Nov/2014</b>	2,07	0,00
<b>Dez/2014</b>	2,07	0,00
<b>Jan/2015</b>	2,08	0,48
<b>Fev/2015</b>	2,08	0,00
<b>Mar/2015</b>	2,08	0,00
<b>Abr/2015</b>	2,08	0,00
<b>Mai/2015</b>	2,08	0,00

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: \*Variação em relação ao mês anterior

**Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei**

Produto	2014									2015			
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai
<b>Mussarela</b>	20,90	20,90	20,90	20,86	21,50	21,55	21,50	21,55	22,15	22,85	23,15	23,10	22,50
<b>Queijo Prato</b>	18,70	18,75	18,75	18,70	18,95	18,90	18,80	18,90	18,90	20,45	20,45	20,50	20,35
<b>Minas Frescal</b>	13,40	13,40	13,44	13,56	14,65	15,00	15,10	15,45	15,45	16,80	16,75	16,25	16,35
<b>Longa Vida</b>	1,99	1,99	1,99	1,99	2,03	2,03	2,03	2,02	2,02	1,99	1,99	1,97	1,97

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Em relação ao preço líquido médio do leite pago ao produtor, segundo (Tabela 5), observaram-se alterações no mês de maio. Na média estadual, quando comparado abril de 2015, houve um acréscimo de 3,24%. Já na média nacional apresenta também aumento de 4,80%.

Na região da Zona da Mata, segundo (Tabela 5) e (Figura 3), em maio, registrou-se um aumento de 4,81% no preço pago ao produtor quando comparado a abril de 2015, registrando novo preço médio do litro de leite em R\$ 0,8380.



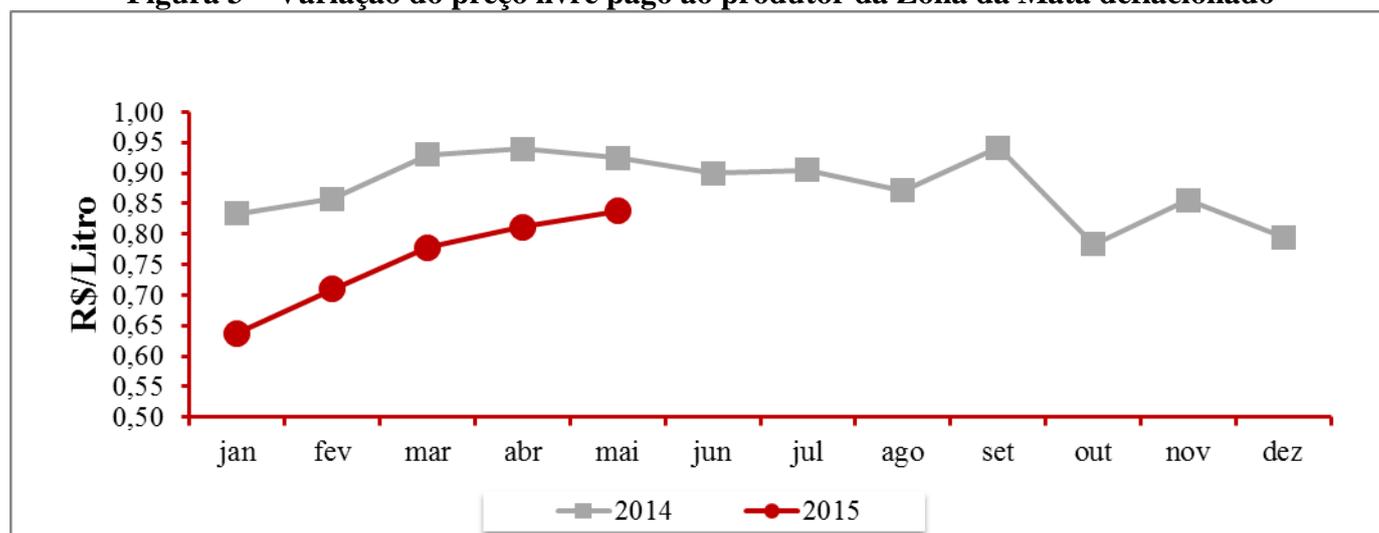
**Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, maio de 2015**

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR (%)
ZONA DA MATA	0,8380	3,24
MÉDIA ESTADUAL	0,9693	4,81
MÉDIA NACIONAL	0,9623	4,80

Fonte: Cepea (2015). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>.

Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI

**Figura 3 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado**



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia

## Como devem ser os corredores de piquetes rotacionados?

Luiz Felipe Garcia Costa  
Estudante de Zootecnia

Na construção de Piquetes Rotacionados, o dimensionamento dos corredores é uma prática bastante negligenciada, e que pode acarretar sérios danos à produção leiteira.

É comum no momento do planejamento de Piquetes Rotacionados, principalmente pequenos produtores ou propriedades com relevo bastante

acidentado, o descaso e a redução dos corredores de acesso às áreas de descanso ou à sala de ordenha. Esta

prática ocorre com o intuito de diminuir as perdas em superfície utilizável para forragem, porém, ela pode acarretar sérios problemas zootécnicos e econômicos para a propriedade.

Corredores pequenos tem mostrado grandes problemas nos períodos chuvosos, pois, acumulam muito barro, dificultando a locomoção dos animais, além de gerar problemas no casco e contaminação das tetas das vacas, o que pode levar a queda na qualidade do leite ou até mesmo problemas de mastite severa. Outro ponto



importante é quanto a presença de pedras e de outros materiais que possam ferir os cascos dos animais.

Recomenda-se que o dimensionamento dos corredores seja compatível com o número de animais na área, ou seja, de acordo com o fluxo de animais, e com a drenagem do solo, mas em geral este deverá ser de no mínimo quatro metros para facilitar o trânsito de máquinas e deverá ter uma inclinação para valas feitas nas laterais, evitando a formação de barro. Corredores localizados próximos à sala de ordenha, onde o fluxo de animais é mais intenso, devem ser mais largos e corredores que levam a piquetes mais afastados, onde os animais passam esporadicamente, podem ser mais estreitos.

Outras estratégias seriam: o plantio de algumas forrageiras com capacidade de recobrimento do solo, pois assim podem favorecer a drenagem e também a presença de cascalhos finos em corredores abaulados como forma de proteção do solo.

Edição 306 . Ano XXII . Novembro de 2014 . Viçosa - MG

